

BULLYING

GUIA PARA EDUCADORES



Coordenação da Coleção Educação e Psicologia em Debate:

Profa. Dra. Telma Pileggi Vinha – Unicamp/Campinas-SP

Conselho editorial

Profa. Dra. Adriana Regina Braga – Unifesp/Guarulhos-SP

Profa. Dra. Alessandra de Moraes Shimizu – Unesp/Marília-SP

Profa. Dra. Ana Maria Falcão de Aragão – Unicamp/Campinas-SP

Profa. Dra. Ângela Pereira Teixeira V. Palma – UEL/Londrina-PR

Profa. Dra. Carmen Campoy Scriptori – CUM/LRibeirão Preto-SP

Profa. Dra. Cláudia Ribeiro – Ufla/Lavras-MG

Profa. Dra. Elaine Prodócimo – Unicamp/Campinas-SP

Prof. Dr. Juan Delval – Uned/Espanha

Profa. Dra. Lia Beatriz de Lucca Freitas – UFRGS/Porto Alegre-RS

Profa. Dra. Lia Leme Zaia – LPG/Unicamp/Campinas-SP

Profa. Dra. Lucia Salete Celich Dani – UFSM/Santa Maria-RS

Profa. Dra. Maria Isabel da Silva Leme – USP/São Paulo

Profa. Dra. Marianela del Carmen Denegri Coria – Univ. de la Frontera/Chile

Profa. Dra. Orly Zucatto Mantovani de Assis – Unicamp/Campinas-SP

Prof. Dr. Raul Aragão Martins – Unesp/Presidente Prudente-SP

Profa. Dra. Sílvia Parrat-Dayan – Archives Piaget/Suíça

Profa. Dra. Sueli Édi Rufini Guimarães – UEL/Londrina-PR

JOSÉ MARIA AVILÉS MARTÍNEZ

BULLYING
GUIA PARA EDUCADORES

Tradução:

J. Guillermo Milán-Ramos

Revisão Técnica:

Luciene Regina Paulino Tognetta

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Avilés Martínez, José María

Bullying : guia para educadores / José María Avilés Martínez ; tradução J. Guillermo Milán-Ramos ; revisão técnica Luciene Regina Paulino Tognetta. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2013. – (Coleção Psicologia e Educação em Debate)

Título original: *Manual contra el bullying*

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-279-9

1. Bullying 2. Comportamento 3. Comportamento agressivo 4. Conflito interpessoal
5. Educação - Finalidades e objetivos 6. Pais e professores 7. Psicologia educacional
8. Valores (Ética) 9. Violência I. Título. II. Série.

13-07524

CDD-370.15

Índices para catálogo sistemático:

1. Bullying : Prevenção : Educação e psicologia 370.15
2. Violência : Prevenção : Educação e psicologia 370.15

© Direitos reservados para a língua castelhana:
José María Avilés Martínez 2012

Tradução: J. Guillermo Milán-Ramos
Revisão Técnica: Luciene Regina Paulino Tognetta
Revisão do Português: Mariana Marques Moraes
Capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
Desenhos: Natividad Alonso Elvira

*Obra em acordo com as novas
normas da ortografia portuguesa.*

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

V.R. GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1a edição

agosto/2013

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Para Nati

AGRADECIMENTOS

De alguma forma, qualquer obra é um trabalho no qual colaboram muitas pessoas e circunstâncias. Esse livro recolhe os esforços de alguns anos nos quais fui recolhendo e semeando em decorrência de minha tese e pesquisas posteriores.

Em primeiro lugar, quero agradecer aos alunos com os quais trabalhamos, no debate, a intervenção, as propostas, a inovação, a incerteza das mudanças e a esperança das melhoras. Eles sempre participam com suas posições, como testemunhas ativas das situações e enquanto sujeitos implicados a partir de distintos perfis. Quando acreditamos neles e oferecemos alternativas, eles sempre apostaram em saídas razoáveis.

Aos meus colegas universitários que colaboraram comigo no planejamento e realização de algumas pesquisas que servem de fundamento científico para algumas propostas desse livro.

Aos meus colegas de instituto que participaram na aplicação de provas, recolhimento de experiências, prática de intervenções, reflexões e elaboração de propostas. Eles/as dinamizam a prevenção e lidam com as situações de maltrato, quando acontecem, com equilíbrio, pensando em todos; agradeço a eles por agirem como referentes morais para os alunos e por deixarem sempre claro, com suas palavras e ações, uma posição inequívoca contra o abuso.

Agradeço às famílias que me reportaram a sua visão na análise dos casos, na avaliação dos componentes do maltrato e na gestão das situações em casa e com os centros educativos. Fico agradecido pela lealdade educativa e por confiar nas linhas de trabalho que juntos temos definido.

Àquelas instituições públicas e privadas que colaboraram comigo, agradeço a sensibilidade e aposta pela prevenção da vitimização e o apoio à formação dos profissionais educativos, como base para as atuações contra o bullying. Essas apostas fizeram-me sentir acompanhado e apoiado nas iniciativas e propostas.

Meu reconhecimento à editora pela aposta decidida na obra e em meu trabalho. À Maria Elisa por seu trabalho de tradução e adaptação à língua portuguesa.

Quero agradecer especialmente à minha querida amiga que escreveu o prólogo dessa edição brasileira, a Professora Luciene Tognetta e que junto à Telma Vinha, supervisionaram os textos com o saber e a experiência que a pesquisa e a sensibilidade dão em relação aos temas educacionais, em especial ao maltrato. Fico agradecido pela especial dedicação.

Agradeço à minha família pelos momentos roubados para a elaboração desse trabalho, pela sua compreensão; especialmente à minha mãe, que nos deixou faz pouco tempo, deixando um vazio impossível de preencher.

Como não podia ser de outra forma, quero agradecer a Nati, minha mulher, porque a obra também é sua, em sentido literal: seus relatos, desenhos e a orientação em muitas partes do livro fazem com que esse trabalho seja dela também. A ela dedico esse livro. Especialmente quero lhe agradecer por seu zelo e apoio, nesses últimos anos, que não têm sido fáceis. Sempre esteve aí comigo.

Enfim, agradeço àqueles que fizeram possível que o texto tenha vindo à luz e desejo que possa servir de forma modesta à análise, à reflexão e à ação contra o maltrato nas relações interpessoais entre nossos estudantes. Se conseguirmos isso, estaremos ajudando a construir uma sociedade mais saudável, mais justa e mais tolerante no futuro.



SUMÁRIO

PREFÁCIO A EDIÇÃO BRASILEIRA.....	9
<i>Luciene Regina Paulino Tognetta</i>	
INTRODUÇÃO.....	13
RESUMO DOS CONTEÚDOS	15
1. TAREFAS DE ANÁLISE DE NECESSIDADES	23
2. TAREFAS DE DEFINIÇÃO.....	31
3. TAREFAS DE PLANEJAMENTO E ABORDAGEM	55
Organizar a escola contra o maltrato	
Atuação 1: Sensibilização e conscientização	
Atuação 2: Esquema de Projeto <i>Antibullying</i>	
Atuação 3: Organizar a formação	
Atuação 4: Assembleias para tomar decisões	
Atuação 5: Adotar uma estrutura organizativa	
Atuação 6: A avaliação do <i>bullying</i>	
Atuação 7: Interpretar os dados	
Atuação 8: Informar os resultados e orientar a atuação	
Atuação 9: Entrar em consenso sobre um esquema de atuação para quando acontecer o <i>bullying</i>	
Inserir a luta contra o <i>bullying</i> no currículo da escola	
Trabalhar contra o <i>bullying</i> no seio do grupo de iguais	
Intervir com os indivíduos diretamente implicados	

4.	TRABALHOS DE INTERVENÇÃO	91
5.	DESENVOLVIMENTO DE TÉCNICAS ESPECÍFICAS	139
	O Método Pikas	
	O trabalho com as vítimas	
	A prática restaurativa	
	A análise de casos	
	As equipas de ajuda	
6.	O CYBERBULLYING	213
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	247

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

O livro que tenho agora a honra de prefaciar e que tive o privilégio de fazer a revisão técnica para o português é sem dúvida uma grande contribuição ao estudo e intervenção ao fenômeno *bullying* em nosso país.

Ora, poderiam nos indagar nossos leitores: como pode ser considerada uma grande contribuição num cenário em que a cada semana se publicam livros e mais livros “ensinando” pais, educadores e a sociedade em geral a lidar com um problema que parece ser “moda”?

A primeira de nossas explicações está no fato de anunciar quem toma a palavra para falar sobre o tema: quem tem condições de falar sobre as peculiaridades e precariedades de uma obra arquitetônica é aquele que a projetou, que antes, estudou suas propriedades e no mínimo, organizou e elaborou projetos que investigaram e o levaram a compreensão do terreno, dos alicerces construídos, da obra em si. Da mesma forma, para falar sobre algo tão importante quanto o *bullying* é preciso alguém que entenda o fenômeno, que o estude empiricamente. Isso porque para compreender a complexidade de um tema é preciso que este seja circunscrito e conceituado dentro de uma perspectiva teórica que não se baseie em representações pautadas no senso comum e sim em dados de pesquisa.

É isso que faz de nosso amigo José M. Avilés um autor consagrado na Espanha. Suas discussões neste livro partem de investigações que foram realizadas por ele ou citadas de outros tantos colegas que teimosamente também tentam entender o fenômeno sob o rigor da Psicologia ou de outras ciências que se organizam para tal.

É com o olhar da ciência que o autor escreveu essa obra que agora é publicada no Brasil. O olhar de quem faz o que o próprio Piaget já teria

buscado em suas investigações: ter uma “Tête de turc”.¹ Ou seja, Avilés realiza uma ampla discussão sobre tudo o que está acerca de um fenômeno tão importante nos dias hoje sem se descuidar das contradições que existem e ainda sem deixar de apontar as sutilezas de um fenômeno multicausado.

Trata do tema central – *bullying* e *cyberbullying* – que é perseguido pelo pesquisador já há muito tempo o que faz dele um dos grandes autores a contribuir para o estudo, a compreensão e o encontro de formas mais sistematizadas e elaboradas de intervenção para pensar as políticas públicas em seu país.

Conhecemos o professor Avilés, eu e minha grande amiga e companheira no GEPEM Telma Vinha, num congresso em Lisboa há alguns anos. Já havíamos lido seus trabalhos e nos identificamos com sua forma peculiar de tratar o fenômeno em questão: sempre a partir de dados empíricos, sempre levando em consideração as tramas psicológicas que envolvem os personagens de um problema considerado moral e ao mesmo tempo, pensando e indicando alternativas para as escolas que não se restrinjam a conter ou a evitar os conflitos interpessoais vividos no cotidiano.

Chamou-nos a atenção o fato de que o autor dessa obra há tempos tem se dedicado a discutir este fenômeno psicológico e se apropriado de outras pesquisas surgidas desde os anos setenta na Escandinávia e progressivamente, incorporado outras tantas investigações surgidas nos países europeus, do norte da América, Austrália e Japão e agora, somando seus esforços aos nossos do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral (GEPEM) do qual fazemos parte.

Avilés se ocupa do estudo sistemático dos mecanismos psicológicos que se encontram nessa forma de violência. Reconhece e entende a dinâmica em que há um alvo, frágil, cujo “pior inimigo” é ele mesmo; um autor em cujo repertório de aprendizagens sociais pouco vivenciou outras formas de relacionamento que não a agressão, o maltrato e submissão do outro e um público que assiste e se mantém ao lado do mais forte por não ter se acostumado a pensar sobre as formas mais saudáveis de convivência. Uma dinâmica que tende a se transformar em perigo à construção da própria identidade individual e coletiva.

Há outra grande contribuição dessa obra: a evidência de que no *cyberbullying* ainda pouco estudado no Brasil, assim como no *bullying*, no fundo, persiste a ausência de um critério moral. Assim como nas pesquisas realiza-

1. Abordando um novo assunto, não ler nada sobre o tema, mas muito em torno dele e ter uma “cabeça de turco”.

das por nós aqui no Brasil, fica evidente para Avilés que meninos e meninas agem mal e menosprezam o outro virtualmente porque heteronomamente, na ausência de uma autoridade que possa vigiar ou castigar, se acham livres para fazê-lo. Assim, podem não agir da mesma forma na vida real não porque legitimam o respeito como um valor, mas porque na verdade, temem pela punição.

O autor torna clara uma grande preocupação que temos: não só com as vítimas de *bullying* e *cyberbullying* devem se preocupar aqueles que querem ajudar a vencer o problema. Isso porque no caso de *cyberbullying*, por exemplo, os riscos para aquele que agride é grande: começa a ter uma dupla face patológica escondendo nas relações reais aquilo que apresenta ser na vida virtual. Seu comportamento é medido mais pelas leis que definem seu papel no grupo do que de fato, no seu poder pessoal de decidir sobre o certo e o errado. É como se ele estivesse sobre o domínio de uma voz imperante que o faz ser alguém de valor aos olhos dos outros, como qualquer outro humano como somos, mas neste caso, com valor de poder sobre o outro o que inclui conteúdos de violência e menosprezo. Certamente, para a vítima, o prejuízo no *cyberbullying* também é maior: com muito mais pessoas contemplando o que sofre e por muito mais tempo, seu sofrimento e dano são prolongados e agravados. Assim, Avilés torna simples, mas não simplista, o entendimento de um fenômeno que mais do que nunca exige a compreensão daqueles que educam para não incorrer no risco de acreditar que os problemas de *cyberbullying* não pertencem aos espaços escolares.

Finalmente, a grande conquista que temos com o livro de Avilés no Brasil é a superação de uma ideia absoluta que impera em nosso meio: de que o problema do *bullying* se resolve com cartilhas distribuídas a professores, ou a instauração da polícia nas escolas e não com compreensão de que está na escola a possibilidade de superação do problema.

No Brasil, ainda estamos longe de conseguirmos entender que a superação do problema do *bullying* depende de uma análise séria e global das relações interpessoais que imperam na comunidade educativa, dos valores que se promovem nela e como seus membros participam nos projetos de convivência na escola como propõe o autor dessa obra. Aliás, mais que isso: o grande problema no Brasil é o fato de que não se tem nas escolas um “plano de convivência” em que se possa apontar que caminhos para que meninos e meninas superem suas dificuldades de conviver num ambiente em que se sintam pertencentes e fortalecidos no propósito de resolver seus problemas com formas mais equilibradas do que o uso da violência e da submissão.

Chamou-nos a atenção um fato que acontecera no Brasil há um tempo. Numa conversa com um promotor de justiça, ele nos explicava o porquê de um juiz ter declarado causa perdida em última instância a uma escola acusada por um pai cujo filho teria sido alvo de *bullying*. A defesa da escola argumentava que a escola havia tomado as devidas providências quanto ao aluno infrator: ele teria sido suspenso das atividades e inclusive, convidado a se retirar da escola. O juiz então alega que exatamente tais atitudes mostraram o quanto o trabalho com a convivência nessa escola era ineficaz: “nada foi feito antes para prevenir o problema”. “Nada foi feito antes”, como “vacina”, como plano para que crianças e adolescentes pudessem falar com seus iguais – como a proposta que Avilés faz do trabalho com as equipes de ajuda, os grupos de mediação, as tutorias; nada havia sido feito para que esses meninos e meninas tivessem condições de reparar seus erros e de restaurar a justiça entre eles – como os círculos de justiça restaurativa, as assembleias, ou o método Pikas lembrado por Avilés.

Nosso amigo escreve neste livro a importância do protagonismo infantil e juvenil: nossos alunos não são espectadores que aguardam pelas nossas ações. Devem ser atuantes porque podem decidir, podem escolher, podem restaurar a paz mediados por professores que entendem do desenvolvimento humano e permitem a expressão do que sentem e o que pensam. Isso porque, se *bullying* é um problema entre pares, é o grupo o espaço de trabalho no qual nos adultos devemos intervir preferencialmente.

Há algo imperdível nesta obra que nosso leitor poderá contemplar: o fato de que o autor nos remete a pensar o que os países mais desenvolvidos têm conseguido colocar em prática: os fóruns com as famílias. Mais do que cobrar por medidas e exigências políticas, mais do que denunciar o problema das famílias mal formadas, mal instruídas sobre a educação de seus filhos, é preciso abrir espaços para se pensar, conjuntamente, o problema da qualidade das nossas relações com aqueles que mais podem auxiliar nesse desenvolvimento: os educadores e os pais. É o que Avilés chama de “lealdade educativa”.

Finalmente, o que queremos deixar de mais precioso para aquele que inicia a leitura desta obra é o seu interior: a expressão de um pensador que se propõe a fazer deste problema que nos assola a oportunidade de tornar nossas relações mais humanas, nossas crianças mais vivas crescendo num ambiente de respeito e sensibilidade, a si e ao outro. Autor e obra, ambos sensíveis e humanos, não podem passar despercebidos neste país em que a educação pede por ajuda!

Luciene Regina Paulino Tognetta

INTRODUÇÃO

Elabora-se este guia com o fim de facilitar aos professores e a outros profissionais da educação orientações e estratégias para que, organizando-se em grupo, possam abordar com certas garantias de sucesso o maltrato entre iguais.

Os objetivos que se pretende abranger se resumem do seguinte modo:

- Indicar o que é *bullying* e o que necessitam saber dele as pessoas que educam:
A pesar de que o maltrato entre iguais tem sido objeto de estudos e pesquisas ao longo dos últimos quarenta anos no mundo todo, há aspectos concretos desse fenômeno que queremos destacar para que os professores levem-nos em conta na sua convivência escolar na comunidade educativa. A definição compartilhada de seus componentes será básica para poder avançar com garantias em seu combate e eliminação.
- Fixar a reflexão e a análise no que acontece no mais próximo, a sala de aula, a escola e a comunidade educativa:
A percepção do que acontece em cada classe obtida através de uma metodologia consolidada e fiável deve ajudar os professores a compartilhar essa informação com a equipe docente, as famílias e a comunidade educativa. Conhecer o que acontece irá ajudar, ao funcionar como ponto de partida para tomar decisões que nos permitam ter ações conjuntas. Ocultar a informação ou

fazer como que nada estivesse acontecendo é covarde, insincero e não ajuda a resolver os problemas de convivência e violência que temos.

- Fazer algo a mais do que sensibilizar:
Trata-se de dar um passo a mais para além da conscientização e/ou sensibilização, que, ainda que importantes não são suficientes para a verdadeira abordagem, com garantias, do *bullying*. Considerar o planejamento das atuações educativas contra o maltrato no próprio cerne do projeto educativo permite incidir adequadamente nos conteúdos, procedimentos e atitudes a serem abordadas e nas estratégias organizativas, metodológicas e didáticas a serem colocadas em funcionamento por aqueles que devem ser os protagonistas: os membros da comunidade educativa, famílias, alunos e professores.
- Organizar o centro e o currículo para trabalhar o maltrato entre iguais:
Esse é um desafio para os professores da escola. Dispor a organização da escola a favor dos direitos humanos, abordando-os como conteúdo curricular com o qual manejar e dar qualidade às situações de convivência, deve ser um objetivo que facilite a aprendizagem e o ensino, fazendo possíveis ambientes e momentos realmente educativos no melhor sentido da palavra.
- Conhecer e pôr em funcionamento estratégias que componham o conjunto de ferramentas que vão constituir nosso Projeto *Antibullying*:
Para combater o *bullying* as escolas necessitam compartilhar e unificar os esforços de todos seus membros. Ideias claras e compartilhadas sobre como abordar a criação de um projeto de atuação comum contra o maltrato são necessárias (Avilés 2010). A soma das decisões, estratégias e esforços de todos finalmente conformarão um instrumento (o Projeto *Antibullying*) que deverá servir para diminuir os níveis de *bullying* e proporcionar ambientes de convivência mais saudáveis e mais estáveis.

Esse documento pretende colocar grandes questões com o objetivo de que estas sirvam para debater e construir consensos sobre tais propostas e decisões.

RESUMO DE CONTEÚDOS

Aproximar-se do fenômeno do maltrato entre iguais ou *bullying* (Avilés 2006a; Olweus 1978; 1998; Ortega 1992) nos contextos escolares exige um processo de reflexão, informação, formação e planejamento que pretendemos expor aqui, ainda que de forma esquemática, com a finalidade de facilitar a atuação.

O que devem saber os professores sobre o bullying?

DEFINIÇÃO

Analisar a realidade da comunidade educativa

A realidade de cada escola vai nos aportar informação básica a partir da qual construir iniciativas para combater o *bullying*. A comunidade educativa e sua realidade é o ponto de partida sobre o qual construir.

Circunscrever e definir o fenômeno

Como sempre, quando nos aproximamos a um determinado fenômeno, tratamos de circunscrevê-lo, defini-lo, conceituá-lo. Com a definição tentamos esclarecer a que nos referimos quando falamos de *bullying*, sua significação social e educativa e os perfis dos sujeitos que participam dele: o/a agressor/a, a vítima e os/as espectadores/as. Indagamos também as

consequências e causas que estão por trás do fenômeno, assim como as variáveis de possível incidência, tanto protetoras como de risco.

Depois de circunscrito o termo, interessa-nos marcar outros âmbitos de atuação no projeto *antibullying*, o que vai nos permitir impulsionar outros planos de atuação nos centros educativos. Isto pode ir marcando sucessivas etapas.

A FORMAÇÃO

Iniciar processos na comunidade educativa

É indispensável que todos os membros da comunidade educativa participem nos processos de reflexão, formação, decisão e atuação contra o *bullying*. A formação é uma tarefa chave na qual podemos compartilhar com toda a comunidade o que entendemos por *bullying*. Os alunos e os professores nem sempre pensam o mesmo sobre os casos de maltrato, como surgem, por que ocorrem, quão graves eles são etc. Chegar a consensos é indispensável. Compartilhar informação e formação pode ajudar nisso.

O que os professores podem fazer contra o bullying?

Prevenção e planejamento

Esse passo pretende guiar os professores através de ideias e questões gerais que facilitem seu trabalho de planejamento na comunidade educativa quando precisarem formular um plano que sirva na sua escola para conter o *bullying*. Sem dúvida, são os professores que liderarão esse processo, levando em conta o que pensam outros setores da comunidade.

A ORGANIZAÇÃO:

Organizar a escola contra o maltrato

As decisões sobre a organização da escola, suas estruturas para a luta contra o maltrato, a participação que se demanda e facilita-se aos membros da comunidade educativa, o protagonismo que se concede aos alunos, as

decisões sobre espaços e tempos, a criação – ou não – de estruturas específicas que sustentem o trabalho contra o *bullying*, a ajuda aos alunos, a atenção para com os alunos com problemas, a comunicação que se faz do *bullying* etc. são apenas alguns exemplos que necessitam de decisões organizativas.

A AVALIAÇÃO:

Analisar a realidade: que e quanto *bullying* há em meu contexto?

É necessário manifestar a importância que possui, no combate *anti-bullying*, a *análise da realidade da escola* da qual partimos, análise que deverá ser feita por toda a comunidade educativa que vai trabalhar para erradicar essa conduta. Também, de outro ponto de vista, e antes de fazer qualquer intervenção, será necessário colocar em funcionamento uma série de *ferramentas de diagnóstico* que permitam saber a qualidade e a quantidade do que está acontecendo em nossas escolas em relação à questão do *bullying*.

A ABORDAGEM:

Formular ferramentas de prevenção para que o *bullying* não aconteça

Sem dúvida, são muitas as ferramentas preventivas que estão em funcionamento nos centros educativos para evitar as situações de vitimização. As de mais sucesso são as que colocam os alunos como protagonistas. Que os alunos sejam a solução e não o problema. Uma delas são as “*Equipes de Ajuda*” (Avilés, Torres e Vián 2008), alunos e alunas escolhidos por seus colegas de turma que ficam atentos àqueles que podem ter problemas a seu redor, para ajudar-lhes.

Inserir no currículo o tema do bullying

Incorporar o *bullying* como assunto de análise, debate e posicionamento moral, abordando seu tratamento e saídas com os alunos com os quais compartilhamos as matérias, é básico para que se conheça nossa postura sobre o tema, facilitando e ajudando no seu tratamento e na adoção de posturas morais aceitáveis no grupo, obrigando a cada um que retire a máscara perante o problema. Também é verdade que isso pode prestar-se à consolidação ou à utilização de etiquetas sobre os alunos em quaisquer dos

papeis que se colocam em jogo em sua dinâmica. Devemos ser prudentes, oportunos e sensíveis para não incomodar, molestar ou ferir alguns dos nossos alunos/as, nem piorar situações de maltrato que por desconhecimento não controlemos ou que não saibamos que estão acontecendo.

Trabalhar no cerne do grupo de iguais contra o bullying

Como o *bullying* é um fenômeno basicamente grupal, o grupo é o espaço de trabalho no qual nós adultos devemos intervir preferencialmente. Sua estrutura, sua cultura sobre a violência entre iguais, suas regras não escritas, as dinâmicas de ajuda e cooperação que podem ser colocadas em marcha, são chaves para fazer virar e desestabilizar esse desequilíbrio de forças que conta com o conhecimento compartilhado e tácito grupal sobre o abuso e seu exercício, que acontece quando se estabelece o *bullying*.

Agir com os indivíduos diretamente implicados

Os sujeitos diretamente implicados necessitam de ajuda, as vítimas necessitam de segurança, de apoio e de ajuda (Avilés, Irurtia e Alonso 2008); os agressores/as, de uma mão firme e convincente que os atraia para o espaço de preocupação compartilhada em relação ao que está acontecendo com aqueles que sofrem suas violências, oferecendo-lhes uma oportunidade para mudar, evitando a culpabilização prévia (Pikas 1989); os espectadores necessitam do modelo e estímulo para que mudem os critérios morais que os mantêm imóveis perante a imposição abusiva do *bullying*. Precisamente com esses últimos há que redobrar os esforços e trabalhos, mobilizando-os para que se posicionem contra o *bullying*.

Intervenção

O momento da intervenção é o da execução das decisões, tomadas a partir de um leque de possíveis ações eficazes contra o *bullying*. Esse leque de estratégias se divide entre as preventivas, as que evitam o risco e as que acometem o *bullying* estabelecido.

Na presente seção, com o objetivo de trazer maior concreção a esse guia, reflexiona-se com um nível maior de profundidade sobre algumas dessas estratégias. Propomos uma visão geral das muitas estratégias que podem ser colocadas em prática, aprofundando em algumas delas. Nessa descrição mais exaustiva escolhemos uma técnica de intervenção direcionada aos agressores/as, como é o Método Pikas. Para trabalhar com os espectadores desenvolvemos na escola Equipes de Ajuda. Para exemplificar o trabalho que pode ser feito desde toda a comunidade educativa, e com os adultos em particular, desenvolvemos a técnica de Análise de Casos. Para as vítimas, temos descrito o processo de trabalho com elas para recuperá-las do impacto dos ataques que recebem e para que possam ir incorporando ferramentas de defesa, fazendo-lhes frente. Também se analisa a Prática Restaurativa e aprofunda-se em um tema tão atual como o do *cyberbullying*.

À continuação, com o objetivo de contribuir com uma visão global de todas essas técnicas, nas Tabelas 1, 2, 3, 4, 5 e 6 resumimos as atuações mais significativas que especificaremos, à frente, como as tarefas de intervenção para os professores e os profissionais da educação no cerne da comunidade educativa.

Na Tabela 1 indicamos as atuações preventivas, correspondentes à intervenção primária.

TABELA 1: ATUAÇÕES PREVENTIVAS DA COMUNIDADE EDUCATIVA PARA COMBATER O BULLYING

	Estratégia escolhida	Agentes implicados preferencialmente
INTERVENÇÃO PREVENTIVA INTERVENÇÃO PRIMÁRIA	A assembleia da turma	Alunos
	Comissões de alunos/as para a convivência	Espectadores
	Círculos de qualidade –QC–	Alunos
	Aprendizado cooperativo	Professores e alunos
	Tempos institucionalizados no currículo	Professores
	Sistemas de mediação específica e de ajuda entre iguais	Alunos e professores
	Atividades comuns positivas	Comunidade educativa
	Reuniões entre professores e famílias	Professores e famílias
	Tempos de reflexão	Professores
	Técnicas de representação	Professores e alunos
	Análise sociométrico	Professores
	Análise de casos	Alunos, professores e famílias
	Técnicas narrativas orais e escritas	Professores
	A autonarração dos sujeitos	Professores

Na tabela 2 apontam-se as atuações que correspondem ao trabalho relativo a situações de risco de *bullying*, tanto aquelas que nós adultos supervisionamos, ainda que o protagonismo seja exercido pelos alunos, como as que supõem uma direção mais direta por parte dos professores. Ambas correspondem ao que chamamos intervenção secundária.

TABELA 2: INTERVENÇÕES DA COMUNIDADE EDUCATIVA PARA EVITAR O RISCO DE *BULLYING*

		Estratégia elegida	Agentes implicados
EVITAÇÃO DO RISCO INTERVENÇÃO SECUNDÁRIA	Atuação supervisionada	Ajuda entre colegas	Espectadores
		Mediação entre iguais	Espectadores
	Atuação dirigida	"Análise de casos"	Alunos, professores e famílias
		Dramatização	Alunos
		"Role play"	Alunos
		Exercício assertivo	Vítimas

As Tabelas 3 a 6 recolhem as atuações de intervenção terciária, isto é, as que têm por fim erradicar o *bullying* já estabelecido e observado. Dividimo-las em Tabelas que correspondem às vítimas, aos/às agressores/as, aos/às espectadores/as e aos adultos, tanto professores como famílias. No capítulo correspondente às tarefas de intervenção as desenvolveremos mais detalhadamente.

TABELA 3: INTERVENÇÕES COM AS VÍTIMAS PARA ERRADICAR O *BULLYING*

		Estratégia escolhida	Agentes implicados
DE ERRADICAÇÃO DO <i>BULLYING</i> INTERVENÇÃO TERCIÁRIA	Para as vítimas	<i>Sistemas de ajuda orientados a acompanhamento e proteção</i>	VÍTIMAS
		Exercício assertivo	
		<i>Sistemas de apoio, Befriending, Mentoring, Ajuda, Mediação, Conselho</i>	
		<i>Recuperação da autoestima</i>	
		Método de "Não-inculpação"	
		Método do "Círculo de Amigos"	
		<i>Técnicas de controle da angústia</i>	
		<i>Técnicas de autodefesa pessoal</i>	

TABELA 4: INTERVENÇÕES COM OS AGRESSORES/AS
PARA ERRADICAR O *BULLYING*

	Estratégia escolhida	Agentes implicados
DE ERRADICAÇÃO DO <i>BULLYING</i> INTERVENÇÃO TERCIÁRIA	Método de Preocupação Compartilhada	AGRESSORES/AS
	<i>Exercício no Controle da Ira</i>	
	Método de “Não-inculpação”	
	<i>Técnicas de autocontrole da impulsividade</i>	
	<i>Técnicas físicas de descarga da agressividade</i>	
	Acordos reeducativos	

TABELA 5: INTERVENÇÕES COM OS ESPECTADORES/AS
PARA ERRADICAR O *BULLYING*

	Estratégia escolhida	Agentes implicados
DE ERRADICAÇÃO DO <i>BULLYING</i> INTERVENÇÃO TERCIÁRIA	<i>Programas de voluntariado induzido</i>	ESPECTADORES/AS
	“Análise de Casos”	
	“Role Play”	
	<i>Sistemas de Apoio:</i> Befriending, Mentoring, Ajuda, Mediação, Conselho.	
	<i>Resolução de Dilemas Morais</i>	
	Treinamento em Observação <i>de situações de bullying</i>	
	<i>Momentos para a reflexão grupal sobre convivência</i>	

TABELA 6: INTERVENÇÕES COM OS ADULTOS/AS
PARA ERRADICAR O *BULLYING*

	Estratégia escolhida	Agentes implicados
DE ERRADICAÇÃO DO <i>BULLYING</i> INTERVENÇÃO TERCIÁRIA	“Análise de Casos”	ADULTOS/AS
	<i>“Exercício em Observação de situações de bullying”</i>	
	“Role Play”	
	Atividades Comuns Positivas	
	Formação e assessoramento a famílias	
	Círculos de convivência <i>entre famílias e professores</i>	
	<i>Exercício específico para colaborar na supervisão de pátios em horários de recreio, entradas e saídas, refeitório.</i>	
	<i>Programas de acompanhamento para escolares em âmbitos paraescolares</i>	